

REVISTA MARACANAN

Resenhas

Rebeldias epistêmicas: descolonizar os feminismos e a história das mulheres a partir das margens

Epistemological rebellions: decolonize feminisms and women's history from within the margins

Miléia Santos Almeida*

Universidade Federal do Oeste da Bahia;
Universidade de Brasília
Barreiras, Bahia, Brasil

Recebido em: 20 mar. 2023.

Aprovado em: 18 abr. 2023.



Resenha de:

VEIGA, Ana Maria; VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira; BANDEIRA, Andrea (Orgs.). *Das Margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos*. Salvador: EdUFBA, 2022. 526 p.

Palavras-chave: Decolonialidade. Margens. Sertanidades. Feminismos.

Keywords: Decoloniality. Margins. Sertanities. Feminisms.

* Professora Substituta da Universidade Federal do Oeste da Bahia, Campus Reitor Edgard Santos (Barreira/BA), Centro de Humanidades. Doutoranda em História pela Universidade de Brasília. Mestre em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Especialista em Direitos Humanos e Contemporaneidade; graduada em História pela Universidade do Estado do Bahia. (mileia.sa@gmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0002-1949-4667>

 <http://lattes.cnpq.br/2418725947652028>

Deslocar os olhares nas percepções epistemológicas feministas para os lugares “marginais” da escrita acadêmica e da luta política e, assim interrogar os centros da produção de conhecimento, é algo que foi proposto pela intelectual, educadora e ativista negra Bell Hooks em sua obra *Teoria feminista: da margem ao centro [Feminist Theory: From Margin to Center]*, ao enfatizar que, para as mulheres negras “estar na margem é fazer parte de um todo, mas fora do corpo principal” (HOOKS, 2019, p. 23). Ao ressignificar a ideia de margem para que assuma a posição de *locus* de resistência epistêmica, a obra *Das Margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos* (2022) demarca com bastante ênfase o lugar do afeto nas ciências humanas como contribuição do modo feminista de pensar e criar ciência. Organizado por três historiadoras nordestinas e escrito à muitas mãos em tempos de pandemia de Covid-19, o livro se propõe a ser uma coletânea diversificada e abrangente, e possui nada menos que trinta e dois capítulos dispostos em seis partes que oferecem apresentações distintas escritas pelas suas organizadoras.

A descolonização do conhecimento, inscrita nos estudos latino-americanos como “decolonialidade”, representa um farol teórico que ilumina os caminhos trilhados nos textos da obra. As posições epistemológicas que questionam a centralidade de uma ciência formatada por um olhar ocidental, eurocêntrico e colonial, e que marginalizou outras percepções do mundo, podem ser compreendidas sob o termo “guarda-chuva” de teorias pós-coloniais.¹ Dos escritos do martinicano Franz Fanon sobre as violências que desumanizam os “condenados da terra”, ao negar-lhes seu passado, essência e valores – e suas capacidades como sujeitos humanos – aos marcos dos estudos subalternos indianos que questionaram por meio da indagação de Gayatri Spivak se as subalternas poderiam realmente falar e ser ouvidas, um horizonte de possibilidades se abriu para a produção de novos paradigmas teóricos. No Brasil e nos Estados Unidos, a mobilização de mulheres negras sacudiu os alicerces do feminismo e introduziu *outsiders* nos espaços acadêmicos e fora deles, como Ângela Davis, bell hooks, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, Patrícia Hill Collins, e muitas outras, demarcaram a perspectiva interseccional de raça, classe e gênero como indispensável para a compreensão da realidade humana.

Entre os conceitos e categorias de análise explorados na obra a partir das apropriações de uma perspectiva decolonial, um deles se destaca, sobretudo, para as elaborações teóricas sobre os territórios do Brasil profundo: o de sertanidades. De acordo com as organizadoras:

¹ “A crítica pós-colonial é testemunha das forças desiguais e irregulares de representação cultural envolvidas na competição pela autoridade política e social dentro da ordem do mundo moderno. As perspectivas pós-coloniais emergem do testemunho colonial dos países do Terceiro Mundo e dos discursos das ‘minorias’ dentro das divisões geopolíticas de Leste e Oeste, Norte e Sul. Elas intervêm naqueles discursos ideológicos da modernidade que tentam dar uma ‘normalidade’ hegemônica ao desenvolvimento irregular e às histórias diferenciadas de nações, raças, comunidades, povos. Elas formulam suas revisões críticas em torno de questões de diferença cultural, autoridade social e discriminação política a fim de revelar os momentos antagônicos e ambivalentes no interior das ‘racionalizações’ da modernidade” (BHABHA, 1998, p. 239.)

Pensar sertanidades é evocar um conceito que vai além da descrição geográfica e territorial de sertão. As sertanidades podem ser definidas como pertencimentos, saberes, vivências e experiências de sujeitas e sujeitos das mais diversas margens do Brasil – interioranas, rurais, sertanejas – que (re)inventam formas de existência e superam os estereótipos historicamente construídos sobre os interiores mais profundos, seus habitantes e costumes (VEIGA; VASCONCELOS; BANDEIRA, 2022, p. 16).

Diante de muitos textos da coletânea que elegem o sertão, ou sertões, como seu chão social de interpretação das experiências femininas e marginais, a categoria “sertanidades” se inscreve enquanto produção elaborada no interior da diferença colonial, e que não deve se submeter a uma perspectiva genérica e generalizante das habitantes de um território colonizado, por vezes “tardamente”, em relação aos primeiros centros urbanos e populacionais do país. Nesse sentido, outro termo que ocupa bastante espaço nas análises e narrativas construídas na obra é o verbo “*corazonar*” formulado pelo antropólogo equatoriano Patricio Guerrero Arias, que questiona a dicotomia entre afetividade e razão imposta pela colonialidade² do poder e dor ser. *Corazonar* seria uma resposta insurgente, pois “desloca a hegemonia da razão e mostra que nossa humanidade se baseia na inter-relação entre afetividade e razão, e que tem existência no horizonte” (GUERRERO ARIAS, 2010, p. 83 *apud* VASCONCELOS, 2022, p. 35). O ato de *corazonar* se torna constante nos textos que compõem a obra.

A primeira parte, composta por quatro artigos, é denominada “Feminismos, saberes e rebeldias” e aborda práticas, discursos e lutas feministas em locais de dissidência política e acadêmica, rompendo silêncios que ainda persistem na história das mulheres. Sejam trajetórias individuais como a de Maria Lacerda de Moura ou Dona Augusta (“Lugares de reexistência”, p. 67-83), sejam práticas coletivas como a dos Círculos de Mulheres no Recife (“O feminismo e o sagrado feminino”, p. 85-93), se vislumbra a ideia de “feminismo aprendente”, em que é possível criar e recriar elaborações teóricas sob outros moldes e, a partir de muitos lugares de atuação (“Feminismos aprendentes”, p. 29-46), sem as amarras limitantes de um pretensso cientificismo³ supostamente neutro, racional e destituído de emoções humanas.

A parte II, intitulada “Enegrecer-se, descolonizar-se”, mergulha mais fundo nas epistemologias negras e na racialização como chaves de leitura e interpretação da realidade. A ideia de “enegrecer o feminismo”, palavra de ordem para Sueli Carneiro (2003), requer não só um rompimento com os discursos de apagamento da existência de mulheres negras, mas a necessária descolonização dos ambientes de produção de saberes. Constituída por seis artigos, essa parte inaugura a problematização da categoria de “sertanidades” em suas dimensões geográfica e cultural (“Linhas de confronto teórico e linhas de confronto subjetivo”, p. 99-116),

² De acordo com Aníbal Quijano (2005), a colonialidade seria “o elo perdido da modernidade”, sendo a colonialidade do poder o processo de constituição de um poder mundial capitalista, moderno/colonial e eurocentrado a partir da criação da ideia de raça, que foi elaborada para naturalizar a noção de que os colonizados seriam inferiores aos colonizadores.

³ Refiro-me aqui, a partir da proposta teórica das autoras, que vislumbram a necessidade do rompimento com bases epistêmicas eurocêntricas, a um modelo científico que exclui a validade de métodos e abordagens que não se forjaram na tradição científica da modernidade iluminista, positivista e racionalista europeia.

enquanto conecta as experiências de pensadores transcoloniais a uma perspectiva de vivências em primeira pessoa ("Travessias sertânico-diaspóricas na pesquisa e o Brasil transcolonial", p. 117-133). Por sua vez, os espaços ocupados por mulheres negras, seja na reformulação contra hegemônica das ciências sociais ("Racializar a leitura da realidade para enfrentar os ataques da nova ordem", p. 135-144), na organização de classe na periferia de Belém do Pará ("Mulheres negras e a solidariedade de classe", p. 157-172), no ativismo digital em plataformas como o YouTube ("YouToubers negras", p. 173-183), ou no pioneirismo de intelectuais negras brasileiras como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento ("Uma epistemologia toda nossa", p. 145-156), traduzem as árduas batalhas travadas e as conquistas históricas alcançadas no âmbito do feminismo negro brasileiro.

Sob o título "Mulheres, opressões, intersecções e resistências", a parte III da obra se dedica aos estudos da multiplicidade de opressões que envolvem raça, gênero, classe, geração e localização. A análise documental da história da subalternidade feminina nos "discursos sobre a honra", entre o fim do século XIX e meados do século XX, está presente em textos que discutem o papel das mães de vítimas de processos criminais de sedução ("Mães nas margens", p. 191-207), a legitimação da violência contra a mulher no interior da Bahia ("Entre leis e costumes", p. 209-225) e as representações do comportamento feminino na imprensa ("Mulheres bem-comportadas?", p. 269-281). Por sua vez, a organização política feminina em torno de pautas referentes aos direitos políticos e sociais nas primeiras décadas republicanas já ressoava em terras alagoanas, ainda que limitada pelo alcance do feminismo liberal ("Concepções de cidadania nos discursos da Federação Alagoana pelo Progresso Feminino", p. 255-267). Em contextos mais amplos, são abordadas reflexões sobre intersecções de opressão e exploração no trabalho doméstico sob o capitalismo ("O trabalho doméstico na sociedade capitalista", p. 227-235) e a condição das mulheres em regimes conservadores, fascistas e neoliberais no século XX ("Fascismo, neoliberalismo e opressão feminina no século XX", p. 237-254).

A quarta parte do livro, intitulada "Memórias de lutas, práticas e sabenças" contempla os saberes e as práticas de resistência de mulheres nordestinas e sertanejas nos espaços rurais e em sua ligação com a terra ao longo de quatro capítulos. Na preservação de conhecimentos ancestrais como arma de organização popular contra os grileiros ou nas táticas de solidariedade nos deslocamentos da luta pela reforma agrária, mulheres de comunidades tradicionais de fecho de pasto ("Sabenças passadas na comunidade tradicional de fecho de pasto", p. 289-305) e mulheres militantes do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra ("Afetos, redes de apoio e solidariedade nas estruturações do MST", p. 323-336) elaboraram instrumentos de enraizamento em seus territórios. Por sua vez, o olhar empático para as trajetórias de vida e morte de Margarida Dias e Dorothea Stang, assassinadas enquanto dedicavam suas vidas no combate às injustiças e a exploração ("Vidas e mortes severinas", p. 307-321), traçam um paralelo entre a realidade e a ficção literária, enquanto as narrativas dos muitos partos de Dona Rita, atravessados por relatos de dores, afetos, saberes, amparos, poderes e devoções

("Experiências com o parto", p. 337-350) emolduram memórias de ancestralidades e irmandades femininas.

Na parte V da obra, "Mídia, arte e política", cinco textos tecem um painel cultural e político das produções de arte e mídia analisadas a luz dos debates de gênero. A magia do cinema é capaz de revelar o cotidiano do afeto da classe operária argentina em uma região que ocupava um lugar marginal do imaginário social daquela nação ("Paixões em branco e preto", p. 357-371), assim como provocar uma inquietação nos diversos olhares que contemplam a "pornochanchada" como gênero⁴ cinematográfico de fronteira ("Notas por uma história social e feminista das Pornochanchadas", p. 373-387). Ademais, por meio das ações do "artivismo", pudemos conhecer exemplos de produções artísticas que atuam como espaços de mediação para descolonização feminista das práticas pedagógicas ("Expressão criativa e produção de arte como prática pedagógica feminista decolonial", p. 389-400). Seja através da construção de uma narrativa histórica de resistência que se oponha à grave crise paradigmática em que vivemos ("A crise e a resistência atuais", p. 401-410) ou na elaboração da ideia de "biofuturo" enquanto futuro a ser historicizado e descolonizado ("Qual o futuro que realmente importa ser pensado?", p. 411-420), seus últimos capítulos nos alertam sobre a necessidade de compreender e transformar temporalidades que rompem com a noção de um passado remoto e cristalizado no tempo.

"Neoliberalismo, neofascismos e pandemia", a sexta e última parte da coletânea traduz o impacto de uma crise sanitária, até então inimaginável, nas vidas das mulheres e das populações subalternizadas ao longo de sete capítulos. A pandemia Covid-19 escancarou os efeitos nocivos das políticas neoliberais e seu pacto com a necropolítica, a política da morte, que abriu caminho para "chocar o ovo da serpente do fascismo"⁵ e impulsionou o retrocesso na garantia de direitos e nas políticas sociais ("Pandemia e as ligações perigosas entre neoliberalismo e neofascismos", p. 437-449). O Brasil não somente protagonizou cenas lamentáveis na política institucional nacional e internacional durante esse período, como condenou sua população a um profundo trauma que impactou, sobretudo, mulheres pobres e negras nas linhas de frente do cuidado, como trabalhadoras domésticas, enfermeiras e professoras ("Reflexões feministas sobre o trabalho de professoras-pesquisadoras e de técnicas de enfermagem no Brasil em tempos de Covid-19", p. 491-505), cujas vivências e

⁴ "Há um intenso debate sobre as pornochanchadas enquanto pertencentes ao nicho do erotismo ou da pornografia – há pesquisas que, inclusive, dividem o gênero em ciclos marcados por uma transição da primeira para a segunda. Outras compreendem-nas como comédias de costume eróticas, ou como um tipo de pornografia mais leve (*soft-porn*) [...]. Todavia, entendemos que as pornochanchadas ocupam um lugar fronteiriço frente tais categoria, ao mesmo tempo que possuem particularidades e especificidades advindas de seu próprio contexto de produção *sudaca* (sulamericana)" (TRAJANO, 2022, p. 380).

⁵ Expressão metafórica comumente empregada para ilustrar o nascimento de ideias, discursos e práticas de caráter fascista em uma determinada sociedade, sendo uma alusão ao filme dirigido pelo sueco Ingmar Bergman em 1977, e que aqui utilizo no texto embora não seja mencionada na obra analisada.

escrevivências⁶ no cotidiano da pandemia (“Labutas e equilíbrios”, p. 507-516), impulsionaram novas reflexões sobre os aspectos da economia política da nossa época e a necessidade de valorização da ética feminista do cuidado (“Uma reflexão feminista sobre a economia política da pandemia pelo novo Coronavírus”, p. 463-477). Emergem assim, as leituras de resistência a mercantilização e coisificação da vida ampliadas pela pandemia, mas fundamentadas em uma lógica antropocêntrica e do “capitaloceno” (“Leituras pandêmicas”, p. 451-462) e o feminismo enquanto práxis da luta de mulheres trabalhadoras, também oferece ferramentas de compreensão e enfrentamento às desigualdades socioeconômicas (“As contribuições do feminismo na análise dos impactos da pandemia na vida das mulheres”, p. 479-489). Um sopro de ar fresco sobre tempos tão difíceis insurge transfigurado em esperança e utopia feminista, e nos coloca em movimento (“Feminismos, esperanças e utopias em tempos de pandemia”, p. 427-435) rumo a um novo horizonte de transformação através das palavras de Andréa Bandeira (2022, p. 429):

Não sairei daqui deixando um rastro de solidão, porque tenho *esperança*. Eu penso que eu não estaria aqui se não a tivesse. O feminismo de esquerda e decolonial, e há quem considere isso uma redundância, deu-me esse lugar. As conquistas históricas do feminismo, teóricas e práticas, transformam o mundo e as relações sociais num ritmo impensável há dois séculos. São mudanças sentidas em todos os setores da vida em sociedade, obrigando à revisão dos princípios fundadores do pensamento e das ciências

Das margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos poderia passar, precipitadamente, pelos nossos olhos como mais uma coletânea de estudos de gênero, uma bela colcha de retalhos de narrativas históricas e epistemologias insubmissas. Contudo, ela é uma obra viva, que “nos abraça” como propõem suas organizadoras e nos oferece a chance de poetizar, politizar e humanizar as ciências humanas por meio de lentes de contato decoloniais, antirracistas, classistas, feministas e sertanejas. Os nomes e sobrenomes das autoras e autores dos capítulos do livro, bem como suas instituições são, em ordem alfabética, Adriana Augusta Beltrão de Andrade (UFPB), Adriane Raquel Santa de Lira (UFPA), Alcicleide Cabral do Nascimento (UFRPE), Alexandre Araújo da Silva (UFPB), Ana Cláudia Félix Gualberto (UFPB), Ana Maria Veiga (UFSC), Andrea Andújar (UBA), Andréa Bandeira (UPE), Ângela Maria Freire de Lima e Souza (UFBA), Carminha Gonçalves (UFPB), Caroline de Araújo Lima (UNEB), Célia Santana Silva (UNEB), Cláudia Maia (Unimontes), Cláudia Pereira Vasconcelos (UNEB), Edivania Santos Alves (UFPA), Elayne da Silva Costa (UPE), Indiara Laura Teodoro da Silva (UPE), Izabel Dantas de Menezes (UNEB), Katharine Trajano (UFRPE), Luís Felipe Gonçalves do Nascimento (UFPB), Luísa de Pinho Valle (UC), Maiara Juliana Gonçalves da Silva (UFRN), Maria Clara de Oliveira Silva (Unimontes), Patrícia Lessa (UEM), Paula Vielmo (IFBA), Rose Elke Debiasi (UFS), Rosineide Freitas (UERJ), Sílvia Lúcia Ferreira (UFBA), Sônia Weidner Maluf (UFSC), Stefanie Rocha Carneiro Pinho (UNEB), Tânia Maria Pereira Vasconcelos (UNEB), Telma Dias Fernandes (UFPB), Teresa Cunha (UC),

⁶ Termo cunhado por Conceição Evaristo (1996) em que reconhece que sua produção escrita é elaborada a partir das suas experiências de vida, sobretudo enquanto mulher negra em uma sociedade racista e sexista.

Thayane Alencar Gomes (UFPB), Thays de Souza Lima (UFPE), Vânia Nara Pereira Vasconcelos (UNEB) E Vera Lúcia Ermida Barbosa (UC).

Esse encontro de pesquisadoras com carreiras consolidadas ou que ainda ensaiam seus primeiros passos no mundo acadêmico a partir da publicação de uma editora baiana, como destaca o prefácio de Nilma Lino Gomes, é “um ato insurgente” (2022, p. 9). Localizar as margens do conhecimento sobre as experiências das mulheres no centro da produção acadêmica se traduz em um ato de desobediência epistêmica e desacato às supostas universalidades de uma ciência que se julga neutra, mas é masculina, branca, burguesa e ocidental. A nós, pesquisadoras feministas, historiadoras das relações de gênero, os textos em primeira pessoa nos deixam a mensagem de que não estamos sós numa jornada epistemológica repleta de rebeldias, saberes e afetos.

Referências

- BANDEIRA, Andréa. Feminismos, esperanças e utopias em tempos de pandemia. In: VEIGA, Ana Maria; VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira; BANDEIRA, Andréa (Orgs.). *Das Margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos*. Salvador: EdUFBA, 2022.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano, 2003.
- EVARISTO, Conceição. *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. 1996. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Pontifícia Universidade Católica, Departamento de Letras, Rio de Janeiro, 1996.
- GOMES, Nilma Lino. Prefácio. Viver e olhar a partir das margens: uma forma de indagar o centro. In: VEIGA, Ana Maria; VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira; BANDEIRA, Andréa (Orgs.). *Das Margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos*. Salvador: EdUFBA, 2022.
- HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.
- TRAJANO, Katharine. Notas por uma história social (e feminista) das pornochanchadas. In: VEIGA, Ana Maria; VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira; BANDEIRA, Andréa (Orgs.). *Das Margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos*. Salvador: EdUFBA, 2022.
- VASCONCELOS, Vania Nara Pereira. Feminismos aprendentes: saberes, afetos e rebeldias. In: VEIGA, Ana Maria; VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira; BANDEIRA, Andréa (Orgs.). *Das Margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos*. Salvador: EdUFBA, 2022.
- VEIGA, Ana Maria; VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira; BANDEIRA, Andréa (Orgs.). *Das Margens: lugares de rebeldias, saberes e afetos*. Salvador: EdUFBA, 2022.